

Luto infantil e seus mecanismos de defesa: um olhar psicanalítico

Childhood grief and its defense mechanisms: a psychoanalytic perspective

**Luana Colling da Silva¹, Susani Luzia Silva Oliveira² e
Kellen Luana da Silva Duarte Tardeti³**

Resumo: O presente artigo descreve um estudo de caso de uma criança que enfrentou dificuldades na elaboração do luto após o falecimento do genitor. A procura pela psicoterapia veio da mãe e, a partir disso, realizou-se a anamnese. A paciente demonstrava resistências na conexão das suas emoções e também manifestou defesas para discorrer a respeito das questões conflitantes. A infante foi acompanhada em psicoterapia de orientação psicanalítica durante dois meses, com encontros semanais, em atendimentos com duração de 50 minutos. As técnicas utilizadas para observar as questões apresentadas pela paciente incluíram: associação livre, atenção flutuante, hora lúdica e a técnica projetiva HTP (casa-árvore-pessoa), visando acessar o conteúdo inconsciente. As intervenções realizadas durante as sessões tinham como intuito promover a saúde mental, o bem-estar, a resiliência e auxiliar a criança na elaboração do luto. O acompanhamento psicoterapêutico foi desenvolvido durante o estágio curricular em uma clínica na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Luto; Mecanismo de defesa; Psicoterapia psicanalítica.

Abstract: This article describes a case study of a child who faced difficulties in processing grief after the death of a parent. The search for psychotherapy came from the mother, and from that, the anamnesis was carried out. The patient showed resistance in connecting with her emotions and also manifested defenses to discuss conflicting issues. The child was accompanied in psychoanalytic-oriented psychotherapy for two months, with weekly sessions lasting 50 minutes each. The techniques used to observe the issues presented by the patient included free association, floating attention, play therapy, and the HTP (House-Tree-Person) projective technique, aiming to access the unconscious content. The interventions carried out during the sessions aimed to promote mental health, well-being, resilience, and help the child in processing grief. The psychotherapeutic follow-up was developed during a curricular internship at a clinic in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Keywords: Grief; Defense mechanism; Psychoanalytic psychotherapy.

¹ Discente do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Cesuca. E-mail: lcolling96@gmail.com

² Doutoranda e Mestre em Psicologia. Docente no curso de Psicologia – Cesuca. E-mail: susanio@cesuca.edu.br

³ Psicóloga e supervisora de estágio na Clínica Psicolife. E-mail: luanatardeti@gmail.com

Introdução

O luto é um processo irremissível e pode ser vivenciado de diferentes maneiras, pois isso vai depender do tempo, da intensidade e do momento de seu surgimento. Quando alguém muito amado vem a falecer, o luto torna-se assustador e desorganizado. Essa temática tem diferentes percepções e momentos, até ser elaborada pela pessoa, onde ela passará por indagações e reflexões (Klinger et al., 2021).

O artigo visa discorrer sobre o caso de uma criança que apresentou dificuldades na elaboração da morte do pai. A paciente criou mecanismos de defesa na redução da ansiedade e reprimiu seus sentimentos dolorosos. Além disso, manifestou impasses na conexão das suas emoções para discorrer sobre as suas angústias. Ademais, a ideia inicial de elaborar o estudo de caso surgiu pelas observações e reflexões realizadas na paciente e seu modo de criar defesas perante o luto. Conforme Silva (2010), os mecanismos de defesa estão presentes no inconsciente humano, porém o paciente não consegue acessar esse conteúdo. Os mecanismos de proteção são desenvolvidos pela personalidade, auxiliando o inconsciente na solução dos problemas, conflitos, agressividade e mágoas às quais não foram solucionadas a nível consciente. Essa técnica psicoterápica auxilia no desenvolvimento da personalidade, tendo por função ajudar nas defesas, aliviando as tensões existentes.

Avaliou-se algumas questões em relação ao seu núcleo familiar, pois se mostravam receosos na exposição de suas vulnerabilidades perante o luto. Outrossim, criaram suas próprias defesas sobre a morte do genitor, sendo uma forma de evitar o sofrimento. De acordo com Sena et al. (2023), a morte de alguém importante pode gerar mudanças no sistema familiar, modificando totalmente aquele meio, e seus membros são forçados a se realinhar e ajustar novamente os papéis sociais. Quando a família é unida e a relação é saudável, enfatizando a comunicação e a expressão dos sentimentos, esse processo de luto será mais adaptativo para todos.

Para desenvolver melhor o caso, utilizou-se a técnica da associação livre, por meio da qual pode-se observar a linguagem que a paciente transmitia no *setting* terapêutico. Durante os atendimentos, brinquedos e jogos ficavam sob a escolha da criança, com objetivo de observar seu conteúdo inconsciente manifestado na brincadeira. Freud (1913) em seu livro "Fundamentos da Clínica Psicanalítica" trouxe o processo da associação livre e as combinações com os seus pacientes, pois eles necessitavam explicar tudo o que vinha na mente. No caso, Freud solicitava ao analisado imaginar uma viagem de trem em que estivesse sentado na janela. Assim, caso houvesse um vizinho ao seu lado, o paciente necessitava discorrer sobre os acontecimentos da viagem. O sujeito precisava ser sincero no processo psicoterapêutico, trazendo todo o conteúdo importante e não passando por cima de nenhuma questão desagradável.

Quando a paciente trazia suas questões conflitantes, todo o conteúdo das explicações eram analisados de forma aberta e sem pré-julgamentos. Nos atendimentos, utilizava-se a técnica da atenção flutuante, onde a mente do estagiário flutuava livremente. Não se buscou selecionar conteúdo das sessões, mas sim captar associações e conteúdos inconscientes da criança. Já Souza e Coelho (2012) discorrem que, na escuta flutuante, o analista não busca memorizar ou selecionar itens relatados pelo analisando, onde conscientemente lhe pareçam importantes. Assim, quando selecionamos aquilo que almejamos escutar pelas palavras do paciente, passamos a arriscar não saber mais nada além daquilo que já descobrimos ou do que pensamos já ter conhecimento.

Além dessas técnicas da psicanálise, foi utilizada o teste projetivo H-T-P (casa-árvore-pessoa), no objetivo de conhecer a personalidade da paciente. Marques et al. (2023) trazem a finalidade do HTP como uma técnica projetiva gráfica de base nas forças psicológicas as quais agem sobre o comportamento humano, perante motivações conscientes e inconscientes. Além disso, investiga a personalidade e de representações de si e de onde o avaliando se encontra, suas atitudes, questões conflitivas, relações e formas de manejo.

Entretanto, o objetivo desse estudo de caso visou promover a saúde mental da paciente e auxiliá-la a passar por esse processo de luto. Foi muito importante olhar essa temática pelo viés da psicanálise, podendo alinhar teoria e prática a partir dos atendimentos, e observar a angústia despertada nos momentos da intervenção lúdica. A devolutiva para a família auxiliou no processo de compreensão do caso e o quanto a paciente criou vínculo com a estagiária.

Método

Para a elaboração desse estudo de caso, foi utilizado o método qualitativo e também coleta de dados nos atendimentos clínicos. Segundo Yin (2001) o estudo de caso seria uma investigação empírica, onde compreende um método abrangente, tendo uma lógica de planejamento, coleta e análise dos dados. Podem ser incluído tanto estudos de caso único ou até múltiplos e também abordagens qualitativa e quantitativa.

Além disso, coletaram-se informações com a rede escolar da paciente e a sua genitora, onde o conteúdo das sessões era descrito na ficha de evolução da criança. Todas as informações e dados coletados foram cuidadosamente mantidos em sigilo na pasta de registros da paciente. Também foram realizadas dialogadas das sessões, no objetivo de analisar o caso, podendo compreender as defesas manifestadas pela menina. Posteriormente, a estagiária explanava a respeito do caso nas supervisões, trazendo observações e efetuando a leitura da dialogada, no objetivo de contribuir nessas discussões.

No decorrer dos atendimentos, avaliou-se a necessidade da aplicação da técnica projetiva HTP (casa-árvore-pessoa), na finalidade de saber o conteúdo latente da menina. A hora lúdica foi importante na observação da personalidade da paciente, onde brincadeiras de casinha, boneca e jogos auxiliaram na interação e criação do vínculo. As sessões de psicoterapia ocorreram no período de dois meses (de julho a outubro), contabilizando 12 atendimentos de 50 minutos, com ênfase na psicoterapia psicanalítica.

O estudo explana o caso de uma criança de oito anos, estudante do terceiro ano em uma escola municipal da região metropolitana de Porto Alegre. Outrossim, para a preservação da identidade da menina, será utilizado o nome fictício de Cecília. Durante os atendimentos, Cecília vinha acompanhada da genitora e da irmã adolescente, as quais também realizavam psicoterapia na mesma clínica. No primeiro atendimento, foi realizada anamnese com a mãe, com objetivo de coletar informações a respeito do desenvolvimento de Cecília e também para entender a demanda. Além disso, a cuidadora trouxe que Cecília apresentava dificuldades de aprendizado na escola, ou seja, não sabia ler e só reconhecia as letras do alfabeto.

A cuidadora demonstrou preocupação pela saúde mental da filha e relatou a respeito dela não ter elaborado o luto, pois o pai de Cecília havia falecido em maio de 2023 num acidente de carro. A mãe explanou sobre a menina ter dificuldades para se conectar com as suas emoções, porque a

criança até o momento não havia demonstrado nenhuma emoção ao receber a notícia do falecimento do genitor e após isso não abordou mais o assunto.

Os atendimentos de Cecília ocorreram em uma sala lúdica, num ambiente claro, com um tapete colorido no chão e determinado armário contendo vários tipos de jogos, onde a menina tinha autonomia na escolha do que desejasse fazer. No decorrer das sessões, houve uma modificação de horário por parte da família, ocasionando mudança da sala sem que Cecília manifestasse maior resistência. O consultório também era lúdico, na sala havia um urso de pelúcia gigante, com o qual Cecília passou a brincar em todas as sessões, projetando outras questões antes não demonstradas.

Para compreensão e aprofundamento deste estudo, foi necessária a realização de pesquisas em artigos científicos e também leitura de livros, além da supervisão clínica que foi fundamental, pois auxiliou na compreensão dos processos de luto infantil e permitiu um suporte mais adequado e sensível à paciente. Ademais, contribuiu na identificação de intervenções eficazes e no desenvolvimento de estratégias terapêuticas, respeitando o ritmo e as necessidades emocionais de Cecília. Destarte, a supervisão acadêmica foi imprescindível, pois auxiliou na troca de experiências entre as estagiárias e promoveu um aprendizado colaborativo.

Discussão

Ao iniciar a psicoterapia, busca-se estabelecer o vínculo com o paciente, ou seja, a aliança terapêutica. Ademais, para manter os pacientes na psicoterapia, o estagiário deve se mostrar empático e acolhedor nesse primeiro momento. Alguns impasses podem surgir ao longo das sessões em razão de possíveis defesas que o paciente pode apresentar ao não explicar de seus conflitos. Zambelli et al. (2013) explica que a aliança terapêutica deve ser construída desde o primeiro momento da psicoterapia, pois isso irá influenciar no relacionamento entre analista e analisando. Além disso, será importante para a decisão do analisando se irá manter o acompanhamento ou desistir. A figura do analista deve transparecer confiança e segurança, pois o paciente irá depositar nele as suas questões subjetivas.

Primeiramente, foi realizada uma anamnese com a cuidadora de Cecília, viabilizando a coleta de informações para compreensão dos possíveis sintomas da paciente e acolhimento da possível demanda de atendimento. Ao coletar os dados, identificou-se que a família havia passado por perda significativa, com o falecimento do pai de Cecília em um acidente de carro, gerando mudanças no sistema familiar. Conforme Soares et al. (2014) a anamnese trata-se de determinada entrevista, no intuito de investigar a história do paciente, isto é, aqueles aspectos que são importantes para a compreensão da queixa inicial. A palavra tem origem grega e “aná”, significa lembranças, trazer algo a mente e “mnesis”, se remete a recordação, lembrar de algo.

A cuidadora explanou sobre as dificuldades dessa perda recente, pois o pai era empresário e ela passou a administrar o negócio. A mãe referiu sobre Cecília não ter elaborado a morte do pai e não conseguir se reconectar com as suas emoções. Ela discorreu acerca do bom relacionamento entre Cecília e o pai, principalmente pela questão do incentivo aos estudos. A procura de ajuda psicológica partiu da mãe, diante da preocupação a respeito da saúde mental de Cecília. Azevedo (2023) discorre a respeito da não compreensão e medo enfrentados pela perda de um dos genitores, pois os pais são as primeiras figuras de mundo para a criança. Assim, quando esse ente querido morre, isso exige reorganização emocional da criança e de seus familiares.

Outro detalhe do desenvolvimento de Cecília é que ela tem dificuldade na leitura, reconhecendo apenas as letras do alfabeto, gerando impasses na união das letras na formação da palavra inteira. Brambilla et al. (2020) explica sobre a dificuldade de aprendizagem ser considerado um problema educacional, apresentando-se de maneira progressiva no campo da saúde pública infanto-juvenil nos últimos tempos, como queixa escolar. Crianças nessa condição são encaminhadas ao atendimento especializado, no objetivo de resolver esse impasse sob o olhar médico, gerando atenção de profissionais e pesquisadores do campo da saúde.

Nas sessões, foi utilizada a técnica da associação livre, ou seja, a paciente ficava brincando ou jogando, sem nenhum tipo de interferência da estagiária. Durante um jogo de quebra cabeça, Cecília explicou que o pai apreciava muito essa atividade. Ele ficava de madrugada montando quebra-cabeça, pois tinha preferência por aqueles mais complexos, contando muitas peças. Cecília tentava acompanhá-lo, mas não conseguia devido ao horário, já que precisava acordar cedo para ir à escola. Além disso, Cecília comentava sobre o hábito de jogar videogame na companhia do pai. Quando foi questionada sobre o relacionamento com o pai, Cecília trouxe que tinha uma boa relação, mas ele havia falecido num acidente.

Winnicott (1971) explica a respeito do brincar infantil e o quanto traz benefício às crianças nas sessões de psicoterapia:

É bom recordar que o brincar é por si mesmo uma terapia. Conseguir que as crianças possam brincar é em si mesmo uma psicoterapia que possui aplicação imediata e universal, e inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar (p. 83).

Pode-se observar que a criança em alguns momentos tinha dificuldade para falar a respeito do pai, ou seja, quando a estagiária necessitava instigar a temática, a criança nunca trazia suas emoções e sentimentos sobre o falecimento do cuidador. É como se ela tivesse recalado essa perda em seu inconsciente e não conseguisse desabafar. Freud (1909/1910) explica seu ponto de vista a respeito do recalque:

As mesmas forças que hoje, como resistência, se opõem a que o esquecido volte à consciência deveriam ser as que antes tinham agido, expulsando da consciência os acidentes patogênicos correspondentes. A esse processo, por mim formulado, dei o nome de recalque e julguei-o demonstrado pela presença inegável da resistência (p.39).

No decorrer do tempo, Cecília mudou o foco de suas brincadeiras e optou por um urso de pelúcia do consultório, que foi um grande aliado na descoberta das questões inconscientes da menina. O urso foi projetado como filho de Cecília e o mesmo recebia cuidados e proteção, relacionados a uma alimentação saudável. Numa conversa com a genitora, foi exposta essa questão das brincadeiras e a mesma trouxe sobre Cecília proteger a mãe e irmã. A mãe explicou que desde a morte do genitor, Cecília tem manifestado um carinho e proteção ao redor da família, ou seja, é como se ela tivesse a responsabilidade de cuidar da família.

Perante os fatos observados no atendimento de Cecília, Klein (1981) explana a respeito do brincar:

As crianças, frequentemente, expressam, em seus brinquedos, a mesma coisa que acabaram de nos contar em um sonho; ou fazem associações a um sonho no brinquedo que se lhe segue, pois brincar é o meio de expressão mais importante da criança. Ao utilizarmos essa técnica lúdica, logo descobrimos que a criança faz tantas associações aos elementos isolados de seu brinquedo quanto o adulto aos elementos isolados de seus sonhos (p. 25).

Observou-se também que Cecília estava manifestando no *setting* terapêutico o mecanismo de defesa da regressão, onde a criança retornava a um estado anterior de seu desenvolvimento o qual lhe gerasse segurança e conforto emocional. Essa questão surgiu durante uma brincadeira com o urso Alfredo, pois Cecília o alimentava com a mamadeira. Ademais, a criança discorreu em relação de ainda utilizar a mamadeira quando necessitava, referindo como a prática lhe trazia alívio e proteção materna. Cecília coloca que, se retirassem essa rotina da sua vida, acarretaria em tristeza.

Conforme Balint (1968/1993), quando o sujeito passa por alguma situação conflituosa, pode retornar a momentos passados que marcaram a sua história de vida. Esse retorno pode auxiliar na superação dessas adversidades as quais vive atualmente. A regressão é considerada um mecanismo de defesa, onde o indivíduo necessita passar por isso, podendo recuperar o caminho de seu desenvolvimento.

Numa das sessões, aplicou-se a técnica projetiva HTP (casa-árvore-pessoa), na finalidade de analisar a personalidade da paciente. Conforme Borsa (2010), essa técnica projetiva foi criada por John Buck no ano de 1948, e seu intuito seria a compreensão das características da personalidade da pessoa e também da maneira que ocorre a interação com os outros indivíduos e o ambiente. Já Buck (2003) explica a respeito da projeção do paciente através do desenho, onde ele manifestará elementos da personalidade e de áreas de conflito. Além disso, pode-se analisar as características e o funcionamento do sujeito.

Pelas interpretações do HTP, Cecília demonstrou constante fuga do ambiente ao qual vive, pois quando era questionada referente a alguma temática de sua vida, evocava outros assuntos de seu interesse. Pode-se perceber a constante insegurança emocional, pois a criança está sentindo essa dificuldade de elaboração do luto em vários cenários da sua vida e também demonstra impasses no momento de se conectar com os sentimentos da perda, com tendência ao recalamento para acessar o conteúdo de luto. Souza (2011) discorre a respeito da interpretação do HTP, pois nele se manifestam os sonhos, mitos, fantasias. Os símbolos servem como engates, onde o inconsciente tenta alcançar a consciência, encontrando maneiras de expressão.

Além desses conflitos vivenciados na sua vida, a paciente também apresentou um instinto protetor em relação a genitora e a irmã, ou seja, a menina trazia nas brincadeiras formas agressivas de resolução dos problemas. Essas questões de Cecília estão relacionadas ao id, pois ele remete às nossas pulsões. Zimmerman (2007) explica que a pulsão seria a fonte de excitação do indivíduo, onde parte das suas necessidades vitais inconscientes, impulsionando essa descarga a um objeto ou alvo. Essa força é apenas reconhecida

pelos representantes psíquicos. Ademais, isso gera certa transformação do somático para o psíquico, gerando as sensações de experiências primitivas e como o sujeito se constrói a partir dessas representações.

Essa questão da resolução das problemáticas faz parte da formação do superego na criança e também é muito importante que a família faça essa mediação, explicando o certo e errado aos seus filhos. Para melhor entendimento do significado de superego, podemos compreender que ele faz parte da nossa estrutura psíquica, ocorrendo de maneira inconsciente, ou seja, não temos acesso a esse conteúdo. Trata-se da compreensão do que é certo e errado, do sentimento de culpa ao fazer algo errado e também de uma consciência moral (Nunes, 2019).

Além disso, Cecília apresentou um desejo inconsciente de proteção, demonstrando necessidade em se sentir acolhida em seu ambiente familiar. Também manifestou o mecanismo de defesa da negação, podendo evitar o sofrimento o qual estava sentindo pela morte do genitor. Já a nível consciente Cecília, queria parecer bem e transparência não estar sofrendo. Durante os dois meses de atendimento, ela não trouxe seu sofrimento e evitava explicar sobre isso. Silva (2010) discorre em relação da negação, sendo um mecanismo de defesa, onde o sujeito nega a sua realidade penosa. Assim o paciente vê como inexistente o sentimento ou pensamento, pois se ele admitir a sua existência, pode gerar sofrimento.

Olhando o processo de desenvolvimento de Cecília, surgiram hipóteses se ela realmente tinha entrado na posição depressiva, ou seja, se demonstrava uma "imagem infantilizada", recorrendo a objetos de conforto como a mamadeira. No caso, a mamadeira poderia representar um objeto transicional, trazendo segurança e alívio da ansiedade. Klein (1940) explica que o luto se encontra no processo da posição depressiva, pois a criança introjeta o objeto amado, onde integra suas características boas ou ruins, passando a entender esses aspectos como um objeto total e separado de si mesma. No sexto mês de idade, a criança poderá viver o processo de luto, elaborando a própria dor da separação, pois a mãe passa a ser considerada um objeto inteiro e autônomo, não estando a seu controle os acontecimentos.

Nesse tempo, buscou-se contato com a escola de Cecília, podendo coletar informações que a instituição tinha a respeito da criança. A supervisora pedagógica discorreu em relação à dificuldade de Cecília na leitura, relatando que a menina passou por triagem psicopedagógica no colégio. Foi solicitada avaliação da audição de Cecília através do exame PAC (Processamento Auditivo Central). O colégio reconhece esses impasses de Cecília e também recomendou que a família consultasse uma fonoaudióloga, de forma a trabalhar a comunicação oral e escrita. Trouxeram a questão de Cecília passar por uma avaliação psicopedagógica, podendo investigar esses empecilhos. Nascimento (2024) elucida a junção entre escola e família, pois é imprescindível para um processo educativo mais eficaz. A escola complementa a educação e prepara o indivíduo, já o sistema familiar enriquecem o processo da aprendizagem.

Conforme o andamento dos atendimentos, foi realizada uma devolutiva com a genitora, no objetivo de relatar as evoluções de Cecília e possíveis intervenções. Durante a conversa, a genitora esclareceu alguns pontos que geravam dúvida no caso. A mãe explicou que o pai de Cecília tinha transtorno de bipolaridade. Além disso, o casal teve algumas dificuldades diante do diagnóstico e a criança presenciou esses momentos. Conforme Benda (2022), a devolutiva fornecida aos pais é muito importante na adesão do tratamento, bem como para sua vida cotidiana.

Considerações finais

Analisando os dados coletados da paciente e observando suas questões no *setting* terapêutico, percebe-se que a dificuldade no aprendizado tem impactado na maneira da criança expressar seus sentimentos. Por isso, é muito importante que o estagiário esteja atento a essas questões manifestadas no consultório, coletando as informações por meio da anamnese com os responsáveis.

Observou-se que foi construído um vínculo entre estagiário e paciente, pois desde os primeiros atendimentos a estagiária manteve o foco no acolhimento, na empatia e construção da aliança terapêutica com a criança. Cecília, a partir disso, passou a sentir-se à vontade no *setting* terapêutico e, se por vezes não conseguia verbalizar suas angústias, elas ficavam evidentes na brincadeira. A técnica projetiva do HTP auxiliou na compreensão da personalidade da criança, isto é, as interpretações do desenho coincidiram com os empecilhos manifestados no consultório.

O estágio proporciona muitas experiências ao acadêmico e também o encadeamento da teoria com a prática. Por isso é imprescindível estar em constante atualização, por meio de leitura e muito estudo. Com o tempo algumas questões começam a ficar mais claras e surge um *insight* por meio do estagiário.

Entretanto, é muito importante a contribuição da família no processo psicoterapêutico dos filhos, ou seja, a criança é apenas o sintoma daquele sistema familiar adoecido. Em alguns casos podem surgir resistências por parte dos cuidadores e até desistência da psicoterapia, mas o estagiário também necessita criar vínculo com a família, por meio de combinações e também das devolutivas do paciente.

Referências

- Azevedo, L. D. S. (2023). *Um pedaço de mim que se foi: A criança e a elaboração do luto parental frente à perda dos genitores*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Unileão, Centro Universitário Doutor Leão Sampaio]. <https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1717.pdf>
- Balint, M. (1993). Freud e a ideia de regressão. In: M. Balint, *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Artes Médicas. (Originalmente publicado em 1968)
- Brambilla D. K, Kleba M. E, Magro M. L. P. D. (2020). Cartografia da implantação e execução do programa saúde na escola (pse): implicações para o processo de desmedicalização. *Educação em Revista*, 36(e217558), 1-14.
- Benda, L. (2022). Avaliação de traços depressivos: implicações da devolutiva para o modo de vida do avaliando. *Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 7(14), 112-131.
- Borsa, J. C. (2010). Considerações sobre o uso do teste da casa-árvore-pessoa - HTP. *Avaliação Psicológica*, 9(1), 151-154.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: Casa - Árvore - Pessoa. Técnica Projetiva de Desenho: Manual e Guia de Interpretação*. (1ª ed.). Vetor.
- Freud, S. (2020). *Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*. (1910[1909]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Imago.
- Freud, S. (2017). *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Autêntica. (Obra original publicada em 1913).
- Klein, M. (1940). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Imago, 1940.
- Klein, M. (1981). *Psicanálise da criança*. (3ª ed., P. Civelli Trad.). Mestre Jou.

- Klinger, E. F. Miranda, F. J. Oliveira, D. P. (2021). O luto na infância: uma revisão sistemática. *International Journal of Development Research*, 11(03), 44957-44962.
- Marques, A. M. Tardivo, L. S. D. L. P. C. Moraes, M. C. V. Tosi, S. M. V. D. (2023). *H-T-P: Casa-Árvore-Pessoa. Técnica projetiva de desenho: Manual e guia de interpretação* (2ª ed.). Vetor.
- Nascimento, S. A. D. (2024). Relação escola e família e a intervenção do psicopedagogo. *Revista Políticas Públicas & Cidades*, 13(2), 1-17.
- Nunes, L. V. (2019). Superego em Freud e Lacan. *Boletim formação em psicanálise*, 27(1), 31-43. <https://doi.org/10.56073/bolformempsic.v27i1.4>
- Sena, N. G. Oliveira, D. P. Alencar, C. C. (2023). *Morte e perdas na infância: Expressão do luto em uma criança que vivenciou a perda de um familiar*. Registro doi: 10.5281/zenodo.8015769
- Silva, E. B. T. (2010). Mecanismos de defesa do Ego. *Psicologia. PT: O Portal dos psicólogos*, 7(1), 1-5.
- Soares, M. O. M. Higa, E. F. R. Passos, A. H. R. Ikuno, M. R. M. Bonifácio, L. A. Mestieri C. P. Ismael, R. K. (2014). Reflexões contemporâneas sobre anamnese na visão do estudante de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 38(3), 314-322.
- Souza, A. S. L. (2011). O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. *Boletim de Psicologia*, 61(35), 207-215.
- Souza, C. R. A. D. Coelho, D. M. (2012). O neutro em psicanálise: da técnica à ética. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(1), 95-110.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Imago (Obra original publicada em 1971).
- Yin, R. (2001). Estudo de caso: planejamento e métodos. (2a ed.). Bookman.
- Zambelli, C. K. Tafuri, M. I. Viana, T. D. C. Lazzarini, E. R. (2013). Sobre o conceito de contratransferência em Freud, Ferenczi e Heimann. *Psicologia Clínica*, 25(1), 179-195.
- Zimmerman, D. E. (2007). *Fundamentos psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica*. Artmed.